



Moacyr Scliar



Pra você eu conto

Ilustrações: Rogério Coelho

19ª edição

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Gerente editorial • Rogério Gastaldo
Assistentes editoriais • Jacqueline F. de Barros / Kandy Sgarbi Saraiva
Preparação de texto • Kandy Sgarbi Saraiva
Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Alexandra Costa
Denise Ceron / Ana Carolina Netto
Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa
Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto
Diagramação • Selma Caparroz
Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design
Produtor gráfico • Rogério Strelciuc
Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida
Consultoria editorial • Vivina de Assis Viana
Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Isabel Cabral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr

Pra você eu conto / Moacyr Scliar; ilustrações Rogério Coelho. — 19. ed. reform. — São Paulo : Atual, 2008. — (Entre Linhas : Sociedade)

ISBN 978-85-357-0873-8

1. Literatura infantojuvenil I. Coelho, Rogério. II. Título. III. Série.

07-10537

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © (1990) by herdeiros de Moacyr Scliar.

Saraiva Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

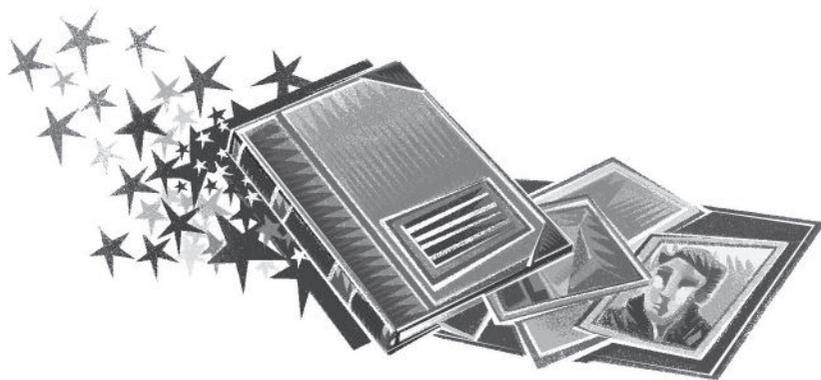
Todos os direitos reservados.

10ª tiragem / 2019

CL: 810516

CAE: 602582

Sumário



A nova professora 5

A professora como lutadora 13

Entro na briga da professora 22

Uma conspiração contra Marta 26

O momento decisivo 32

A luta continua 38

A História faz justiça 50

A História continua. A vida também 60

O autor 67

Entrevista 68

A nova professora



Esses dias, no nosso grupo de bocha, ficamos recordando os tempos de colégio. Você sabe, Chico, que depois de uma certa idade as pessoas gostam de lembrar o passado; em geral são as coisas boas que nos vêm à mente, os momentos agradáveis. Falávamos de nossos professores; todos tinham uma história a contar, eu tinha um professor que era assim, eu tinha uma professora que era assado. “E você, Juca?” – me perguntaram. – “Não tem nada para contar?” Porque eu estava quieto, Chico; quieto, todo o tempo. Sou muito conversador, você sabe, mas nesse dia eu estava quieto.

– Não – respondi. – Não lembro nada interessante.

Mentira. Eu tinha, sim, algo a contar. Mas não o faria. Porque não queria chorar na frente deles, sabe, Chico? Ainda sou daquele tempo em que se dizia “homem não chora”. Homem

— e gaúcho, ainda por cima! — chorando? Nunca. Eu não daria tal vexame. Pra você eu conto, Chico. Porque você é meu neto, e esta é uma história que a gente conta para netos. Quero falar a você da primeira mulher que eu amei. Marta. A minha professora de História.

Eu tinha sua idade, Chico: catorze anos. E era assim como você: magro, desengonçado. Tímido. Mais tímido do que você, até. Meu Deus, como eu era tímido! Não conseguia sequer me aproximar de uma garota: ficava vermelho, começava a gaguejar. Meus amigos debochavam de mim, e o resultado é que eu me sentia ainda pior. Com vontade de morrer, às vezes. Palavra.

De minha família também não podia esperar muito apoio. Eu era o mais moço de quatro irmãos; morávamos (seria melhor dizer: nos empilhávamos) numa casinha da Cidade Baixa. Nos fundos, ficava a oficina de meu pai, que era marceneiro. Não muito bem-sucedido, devo dizer. Seu trabalho se resumia a consertar cadeiras quebradas, armários velhos, coisas assim. Ganhava pouco... E bebia muito. Mãe, não conheci; morreu quando eu era bem pequeno. Com a ajuda de uma vizinha, eles foram me criando.

Vivíamos em dificuldades financeiras. Meus irmãos trabalhavam; mas não com meu pai, a quem detestavam. Um era ajudante de pintor; outro, cobrador de bonde; o terceiro, operário na construção civil. O que ganhavam mal dava para sustentar a casa, porque meu pai era um homem doente — nervos — e gastávamos quase tudo com médicos e remédios. Nesta situação, você pode imaginar que a mim cabia uma responsabilidade toda especial. Eu era o único que estudava; o único que, como diziam meus irmãos, podia chegar a ser alguma coisa na vida. Eles pagavam o colégio, o material escolar, tudo; mas queriam resultados. Todo fim de mês eu tinha de lhes mostrar o boletim e explicar as notas baixas.

Que não eram raras. Ai, não eram raras. Para algumas coisas, Matemática, por exemplo, eu tinha uma dificuldade natural; nunca me dei bem com os números. Raiz quadrada, por exemplo, era um mistério completo para mim. O teorema de Pitágoras? Um enigma. Eu fazia e refazia os cálculos e as operações dez vezes, vinte vezes. Sempre num clima de ansiedade: preciso me sair bem nos estudos, porque a minha gente está fazendo sacrifícios e devo a eles essa satisfação. Ai, Deus, eu me sentia mal. Como me sentia mal. Muitas vezes, de noite, eu chorava, enterrando a cabeça no travesseiro para que meus irmãos – dormíamos todos no mesmo quarto – não me ouvissem.

Consolo eu encontrava numas poucas coisas. Na pequena horta que cultivava ao lado da oficina do meu pai (e na qual ele, quando bêbedo, frequentemente pisava). Ouvia rádio, porque televisão não existia e eu era muito pobre para ir ao cinema. Meu herói predileto chamava-se *O Vingador*; era um cavaleiro mascarado que surgia de algum lugar desconhecido, sempre acompanhado de seu fiel ajudante, um índio chamado Calunga (“Calunga segue Vingador até a morte”) num instante liquidava os bandidos e salvava a mocinha.

Sim, Vingador, e Calunga, e as viçosas alfaces – mas a vida não era aquilo. A vida era a bebedeira do meu pai, as brigas com meus irmãos, e a raiz quadrada. A vida era o colégio.

Que eu detestava. Era um colégio grande; funcionava num prédio antigo, já muito deteriorado, no Alto da Bronze, não longe do centro de Porto Alegre. Pertencia ao herdeiro de uma rica e tradicional família do Estado; mas este homem, já cinquentão, não se interessava pelo ensino. O diretor, um senhor grande e gordo, era quem administrava o estabelecimento – com mão de ferro. Bem de acordo com a época, aliás; o ano era 1937, disciplina era a palavra de ordem. Uma vez por ano, no Sete de Setembro, desfilávamos, junto com outras